

Amor: s.m. O mesmo que sonho. O mesmo que vida. O mesmo que tudo.

– Não acredito em realidades,
disse-lhe ele, com a cabeça encostada ao peito esquerdo dela, precisamente aquele que foi amputado um dia destes,

– Não tem mal, assim estou mais perto do teu coração,
ela sorriu, talvez tivesse pouco tempo de vida mas tinha a vida toda naquele tempo, os braços dele, a liberdade completa de ser amada e de amar completamente,

– Liberdade não é ter jaulas maiores, é não ter jaulas,
não tinham, nunca as tiveram, desde que se encontraram quando era proibido encontrarem-se, a sociedade toda sem poder entendê-los, há que entender que muitas vezes o melhor da vida é o que ninguém entende,

– Bem-vinda ao meu delírio,
ela entrou, ficou, delirou, só há amor quando entramos, ficamos, deliramos, se só entramos e ficamos nunca ficámos afinal, já fomos e ainda nem delirámos, há muito que pode faltar a quem ama mas nunca um delírio compulsivo, uma inexactidão precisa, amar é precisamente o que nos retira a precisão, e de que tanto precisamos,

– Nem sempre acontece o que sonhamos mas nem sempre o que sonhamos é o que queremos viver,

assim foi, nunca sonharam este sonho e vivem-no sem nunca pisar o chão, como se sentissem abrigados apenas quando não têm abrigo, amar é ainda isso, um desabrigo constante, um quase abismo, ou abismo mesmo, que nunca pára, um absurdo sentido que não tem sentido algum,

– Deixei de combater os meus demónios, agora estamos do mesmo lado,

demónios de amor, quem os não tem?, e há no mundo tanta gente merdavilhosa, tão maravilhosa por fora como cheia de merda por dentro, e não entendemos o que fazemos se ficarmos com essa gente, só com essa gente, mas eles não, eles encontraram-se um ao outro e fugiram, amar é encontrar alguém que nos faz fugir, e assim encontrar,

– Sou um insuficiente emocional,

confessara-lhe ele, ela também, estavam juntos e ficaram juntos, carregados de inexpectativas, sem saberem o que queriam e querendo isso mesmo, minuto a minuto, todos os dias a viver sem amanhã,

– Só chega à mente o que antes passou pelos sentidos,

como este beijo sem roupa, o beijo, não eles, eles continuam vestidos mas o beijo despido, as línguas despidas, a verdade em lágrimas ao centro dos corpos, não se sabe se o corpo dela continuará, não se sabe se os minutos acabam em breve, sabe-se que a felicidade é sobretudo diminuir ao máximo a presença do que nos falta, e nada agora lhes falta,

– Só sei que nada sei,

e basta uma vírgula para o mundo mudar,

– Só, sei que nada sei,

isso todos nós sabemos.

«Beija-me para me acalmares a vida. Quero que deixes de ser insuportável em mim.»

Ela acabou de dizer estas palavras e sorriu. Como gostaria de as ter dito a quem de direito, e não àquele espelho embaciado e sujo que nada tinha para devolver. Houvesse coragem em si e dentro de trinta minutos, talvez menos, diria o que tinha para dizer.

Há um momento na vida em que o amor exige palavras.

«Preciso de ti para me encontrar em mim. Quero que me ensines a saber onde estou.»

Ele ensaiou as palavras diversas vezes enquanto escolhia o que iria vestir na tarde que nunca mais chegava e que hoje chegou. Sabia que estava pronto para tudo. Menos para a perder.

Há um momento na vida em que se aguenta tudo menos perder tudo.

«Faltam trinta passos para o passo que falta. Dentro de trinta passos estou a um passo da vida.»

Ela contara, tantas foram as vezes em que ali estivera a preparar este instante, a distância exacta da sua casa até àquele banco de jardim onde combinara vê-lo. Estava a chegar a hora e ela não via a hora. Até porque agora, tanta era a ansiedade, não via, bem vistas as coisas, rigorosamente nada. Só queria era vê-lo.

Há um momento na vida em que os olhos não servem para ver; servem para amar.

«Estás atrasada cinco segundos. Talvez já não me queiras e talvez a minha vida tenha acabado.»

Ele mexia-se sem parar naquele banco de jardim que parecia, agora, um imenso deserto a perder de vista. Não encontrava a posição correcta, a posição sustentável: a posição suportável. Em poucos segundos concluiu que fosse qual fosse a posição estaria sempre de joelhos. A pedir por ela, a desesperar por ela.

Há um momento na vida em que só é amor se for também desespero.

«Juro que não a vi. Ia tranquilamente a conduzir e quando dei por mim já ela estava à minha frente. Travei a fundo mas não fui a tempo. Lamento imenso. Juro que não a vi.»

Por mais que colocasse as mãos na cabeça e tentasse explicar, o condutor do veículo que a atropelou não conseguia acalmar a dor que lhe percorria a espinha como uma lâmina em movimento. Ela tentava mexer-se, com a ajuda das já muitas pessoas que ali se haviam juntado, mas não conseguia. Na sua cabeça as pernas mexiam mas quando olhava para elas continuavam paradas: ninguém respeita as minhas ordens, pensou dizer, como que procurando um toque de humor no meio do caos. Mas apagou-se antes de ter tempo de articular qualquer palavra.

Há um momento na vida em que todas as palavras ficam por dizer.

«Acreditava, no mais fundo de mim, que acabaríamos este dia e esta noite deitados. Mas nunca pensei que fosse assim.»

Ele fez uma piada com o facto de estarem ambos estendidos, lado a lado (pelo menos até que a enfermeira aparecesse e dissesse que ele não poderia estar ali deitado), na cama exígua de um hospital. Depois apertou-a com cuidado, abraçou-a com ainda mais cuidado, passou-lhe a mão pelo rosto, pediu-lhe que não fechasse os olhos. Mas ela, impotente, fechou.

Há um momento na vida em que é só de olhos fechados que se vê a vida.

«Está no intervalo do mistério. Tanto pode desistir como continuar. Fizemos o que podíamos ter feito, corrigimos as lesões e tudo parece estar funcional. Mas está no interior das suas fragilidades. Agora é acreditar que se agarra à vida.»

A médica tinha um pouco de poesia na voz, mas nunca confessou que não acreditava que ela teria onde se agarrar para sobreviver. Ele, pelo contrário, acreditou, sem saber se ela se agarraria. Pelo sim pelo não, agarrou-se ele a ela.

Estou farta disto. Este homem. Sempre este homem. Tão bom homem. Tão boa pessoa. E esta casa. Tão boazinha. E estou farta disto. E este miúdo. É o meu filho. Amo-o mais do que tudo. Morria por ele, aposto. Mas estou farta disto. Queria uma casa maior, um trabalho melhor, uma vida extraordinária. Queria a piscina, o carro de topo, o emprego multimilionário. E tenho isto. Uma casa banal, um emprego banal. Uma vida sem pitada de magia dentro.

– Está bom, amor, está?

Está. A comida está boa. E não passa disso. O máximo que consigo é o bom. E queria tanto o excelente, o magnífico, o maravilhoso, o espectacular. Resta-me isto, apenas isto, sempre isto: uma família vulgar numa casa vulgar, a jantar uma comida vulgar com palavras vulgares.

– E o teu dia: como foi?

Sim: o meu dia também foi isso: vulgar. Estou farta disto. Tão farta disto.

Estás estranha. Olhas-me distante, olhas-me tantas vezes distante, como se estivesse aqui sem estar. És a mulher mais absolutamente perfeita do planeta todo, tenho a certeza disso muito mais do que quando nos casámos. Lembras-te? A igreja inteira para te ver passar, o teu vestido a cair-te como se a magia toda estivesse em ti e ele estivesse ali para te acompanhar. E estava. Ele só estava ali para te acompanhar, como eu às vezes penso que só estou aqui para te acompanhar. És a estrela da minha vida, a estrela da vida do nosso filho. Já olhaste bem para ele hoje? Olha-o. Eu olho-o todos os dias para o amar todos os dias, para lhe ver a maneira como a criança se torna em pessoa grande, mesmo que ele já seja, garanto-te, uma grande pessoa. Ontem assumiu um erro de um amigo só para ele não ser expulso, e foi ele expulso, claro. Mas ele

podia, não estava quase a chumbar como o amigo: salvou-lhe a vida, entendes?

– Está bom, amor, está?

Espero que sim. Sei que te incomoda eu ainda estar em casa, sem trabalho, sem salário, mas juro por Deus que ando à procura. Enviei centenas, mesmo centenas, acredita, de currículos só esta tarde. Ontem passei a manhã a bater à porta das empresas de toda a cidade. Um dia chamam-me. Um dia respondem-me e serei um homem outra vez, o homem que tu queres, que eu bem sei que não gostas que eu esteja aqui, parado, à tua espera, mas a verdade é que vou estar sempre aqui parado à tua espera por mais empregos que tenha, por mais trabalhos que tenha. Vou ser sempre aquele que está sempre aqui à tua espera, é esse o sentido da minha vida, e da do teu filho também, que fique isso registado desde já.

– Como foi o teu dia hoje?

Maravilhoso, como todos os dias desde o dia em que te conheci, garanto-te, e amo-te, que isso fique registado desde já.

Sou tão feliz. Tão feliz. Os meus pais são tão lindos. São mesmo. Eu sei que todas as crianças e todos os filhos devem dizer isto. Mas eu sou mesmo feliz. E os meus pais são mesmo lindos. São mais lindos do que a Teresa, a menina que está à minha frente nas aulas de Ciências e que é de certeza a mulher mais bonita da escola, e suspeito bem que do mundo inteiro, pelo menos o mundo inteiro sem a minha mãe. A minha mãe não é deste mundo. Sorri pouco mas quando sorri a vida toda parece que se torna fácil. Sabem como é? Ela sorri e tudo parece fácil. Gostava que sorrisse mais vezes, mas ela lá terá os seus motivos, é assim que se diz, não é? Os adultos são complicados. O pai às vezes explica-me essas coisas sérias e tal, mas às tantas eu penso no sorriso da minha mãe e tudo passa.

– Está bom, amor, está?

Está sempre, o pai cozinha bem, e está apaixonado por nós. Não é possível não notar. Passa o dia todo a preparar o final do dia, quando me vai buscar à escola e quando a minha mãe chega a casa. É o pai mais

espectacular de todo o sempre. Um daqueles pais-heróis que eu lia nas histórias dos mais novos. Sim, que eu agora já sou grande e já leio coisas de grande. Num dos livros que eu li até havia um beijo de língua, vejam só. Mas não disse aos meus pais, não quero que pensem que já sou crescido, percebem? Ainda gosto que me vejam como o menino deles, acho que isso os une, estão a ver? Eles gostam tanto um do outro como eu gosto deles, aposto. Só que às vezes há coisas que acontecem que podem magoar, coisas de adultos, sabem? Acho que já vos falei delas, não já? Mas como vos dizia sou tão feliz. Há uma magia qualquer nesta casa, nesta vida. A minha mãe é uma criatura mágica e se sorrisse mais vezes era ainda mais mágica. O meu pai é uma criatura mágica e se arranjasse um emprego era ainda mais mágico. No fundo eu já compreendi que há sempre qualquer coisa que falta para a magia ser completa nesta nossa vida, mas se calhar é mesmo assim que a magia acontece: quando por mais magia que nos falte conseguimos sempre ver magia naquilo que não nos falta.

– Como foi o teu dia hoje?

O melhor de sempre até agora, mas de certeza que muito pior do que o dia de amanhã, meus pais, vejam lá se dão um beijo um ao outro e outro a mim para ficar ainda melhor, sim?

– Quem tudo quer tudo sente.

Quando te vi pela primeira vez foi isso que me passou pela cabeça: desfazer frases feitas é um passatempo curioso, que sempre me fez sentir melhor, menos domada, menos domesticada. Gosto de arriscar ter tudo para sentir a possibilidade de ter tudo. Pelo menos por isso: para sentir a possibilidade de ter tudo. Quem se fica pela metade consegue, no máximo, sentir pela metade – o que é, segundo as minhas contas de criança de dez anos, igual a nada. Metade de um sentimento é nenhum sentimento. Ninguém sente pela metade, meus caros, sinto muito. Ou sentes tudo ou não vives nada.

– A vida são dois dias: um é para amar. E o outro é para ser amado.

Quando te abracei pela primeira vez foi isso que me passou pela cabeça: acredita-se nos números para derrotar os sonhos, mas por que raios não se usa os números para amar? Adoro fazer contas, talvez agora, no final do nono ano, escolha engenharias ou até matemática; interessa-me perceber o sentido da vida, conhecer a filosofia do que nos arrasta. É esse o motivo para existirem ciências exactas: para nos fazerem situar a emoção numa grelha contida, e para depois obviamente a reinventar. Existe o que tem de ser para sentires o que não pode ser: quase sempre um mais um, no que interessa, é igual a tudo – e não creio que haja matemático algum que me venha contrariar, e se vier não é matemático nenhum, só um desapaixonado sem lógica (e todos os especialistas em casas decimais sabem que um desapaixonado é um zero à esquerda, e à direita também). Nenhum humano resiste ao que, não tendo explicação lógica, logicamente é capaz de entender, ou então de sentir. Os apaixonados podem fazer a conta errada que mesmo assim chegam ao resultado certo.

– Antes só do que sem ti.

Quando casámos foi isso que me passou pela cabeça: um egoísmo humano, passe a redundância. Sabia que havia uma vida toda pela frente e que a dimensão do tempo era a dimensão da tua ausência. Dói-me o espaço que não preenchemos juntos. As horas são lentas, ferozes, depois de entender que não estás. Quero ocupar-me de ti para me sentir ocupado: colonizado, até, vítima de uma dependência que ninguém entende – e ainda bem: é sinal de que ninguém a sente assim. Há quem queira legislar sobre o amor, determinar o seu grau de equilíbrio, a sua perspectiva de futuro. A mim interessa-me apenas compreender como havemos de continuar ilesos, sem fazer a mínima ideia de onde vimos e para onde vamos – mas sabendo que vamos juntos. É isso, no limite – e mesmo sem limites –, o amor: um lugar que não fazemos ideia de onde fica, um caminho que não fazemos ideia de para onde vai, mas para onde vamos juntos. O destino é certo quando a companhia é certa: somos os lugares que sentimos, nunca os que visitamos.

– Estou careca de saber que te amarei até morrer,

disse-lhe ela, com aquele sorriso maroto de quem sente antes de pensar, depois da última sessão de quimioterapia.

Amor: s.m. Local exacto de onde vem a dor. E local exacto de onde vem a cura para a dor.

Nenhum veneno mata sozinho.

A mim mata-me não te ter. Mata-me todos os dias acordar sem ti ao meu lado. Mata-me a certeza de que nada me falta se não me faltares. Mata-me tanta coisa – menos tu. E no entanto és só tu quem pode matar-me. O resto – o corpo parar, a respiração ceder – é apenas um organismo, não uma vida.

Ou se ama ou se é apenas um organismo em movimento. Antes morta que apenas um organismo em movimento, ficas agora a saber.

Nenhum veneno mata sozinho, não sei se já te disse.

Quero-te desde que a vida começou: talvez assim entendas melhor o que falo. Quero-te desde que percebi que me percebias, desde que percebi que me vias. Há tanta gente a olhar-nos neste mundo e só uma nos consegue ver, não é?

Sou tão feliz nos teus braços mesmo sabendo que nunca estive nos teus braços. Será isto o amor: saber que somos tão felizes naqueles braços mesmo nunca tendo estado, sequer, naqueles braços?

Nenhum veneno mata sozinho, repito. É preciso alguém que o receba, que o acondicione, que lhe dê calor. Nenhum veneno mata sozinho. Só amar elimina o veneno. O veneno da passagem dos dias, da passagem do tempo, da passagem da esperança.

Quando não se ama a vida é apenas a esperança a passar.

A minha, enquanto te tiver como meu, não passa. Sou uma esperançada crónica: aqui fica uma bela declaração de amor. Faz com ela o que quiseres, mas nunca deixes de me querer.

Quando pudermos vamos dar as mãos ao acordar, dar as mãos ao deitar. Basta dar as mãos para tudo valer a pena, já viste? A tua mão na minha e estou pronta para voar. Um dia vamos percorrer o mundo debaixo dos lençóis, prometo. É para isso que existem os corpos: para

viajar. Quem nunca amou nunca saiu do sítio. E há tantas pessoas que precisam de fazer quilómetros para se mexer, coitadas.

Sou do lugar onde te amo. Sou do lugar onde sou amada. Pode ser pobre, pode ser pouquinho, pode ser exíguo. Mas é o lugar que me ocupa. O nosso lugar.

Quando acordar vou dizer-te isto tudo, prometo. Para já vou apenas olhar-te dormir. Consumir-te com o olhar. Entender que quando te pousas em mim te pousas completo, sem uma parte de ti desassossegada.

Amar é o antídoto para a paz – e a própria paz. Amamos para derrotar a sensaboria, para derrotar a morte. Ou se ama para sempre ou nunca se amou. Pode não durar a vida toda mas amamos para sempre. Assim será connosco, garanto-te.

Daqui a nada acordo e acordo-te. Vou ver o teu sorriso por me veres acordar. Bastará isso para querer acordar. Obrigada.

O que se faz quando um filho nos sofre nos braços?

A minha menina (já tão grande: o mistério do crescimento de um filho é insondável) dobrada, vencida, ali, sem um movimento. A dor dela e o olhar dela no meu. Um grito surdo no ar. E eu aqui, com a impotência de nada poder.

Amar é saber que vai haver momentos de absoluta impotência, momentos em que tudo o que podes fazer nada pode fazer. Amar é poder tudo e saber que há momentos em que não poderás com tudo.

Uma mãe existe para amar, pouco mais. E eu fui a mãe que pude. Às vezes, eu sei, exagerei. Exagerei no que te pedi, quando te pedi que fosses perfeita – mas os pais são assim: querem os filhos perfeitos, talvez para taparem os pais imperfeitos que sabem que serão, que só conseguirão ser. Exagerei quando te disse que erraste e te castiguei porque erraste – quando estou farta de saber (como não o saber quando se vive o que já vivi, quando se erra o que já errei?) que só se erra quando se tenta, que só se fere e se é ferido quando se quer o que a vida é, o que a vida pode ser.

Amar é o que a vida pode ser, que nunca ninguém se esqueça disso. Amar é o que a vida pode ser.

Dizia-te que exagerei. Digo-te mais: digo-te que estou a exagerar, agora mesmo, quando te abraço, de olhos fechados, e te peço, ao ouvido, que lutes. Luta, por favor. Luta para ficar. Luta para aguentar. Luta para eu ficar, para eu me aguentar.

Amar é muitas vezes o que nos faz ir mas amar é sempre o único motivo que nos faz ficar: que nos faz aguentar. Quem não aguenta o que dói nunca amou, qualquer mãe sabe isso.

Uma mãe acontece quando os filhos lhe acontecem. E uma vez mãe: para sempre mãe.

Um dia pediste-me que te desse a possibilidade de conhecer o mundo, dois meses a percorrer as geografias que os sonhos te ditaram. Disse-te que não mas deixei-te ir.

Amar é dizer que não e deixar ir, ainda assim: uma anulação da lógica das palavras. Quem nunca disse não e permitiu o sim nunca amou, qualquer mãe sabe isso.

E lá foste. O mundo inteiro e tu, a certeza de que nunca respirei tão pouco e que nunca te sentiste a respirar tão fundo.

Amar é saber que muitas vezes temos de abdicar da nossa respiração para que quem amamos possa respirar fundo, respirar como quer. Quem nunca perdeu a respiração nunca amou, qualquer mãe sabe isso.

Quando voltaste eras a minha filha de sempre. Quando se ama ama-se as pessoas de sempre por mais mundo que mude nelas. Amar é a certeza de uma família, a certeza de um lugar conhecido, o conforto de um espaço para depor os medos.

És tu o que me faz ter medo por mais que seja por ti que não tenho medo de nada, qualquer mãe o poderá dizer. Qualquer pessoa que ame, passe a redundância (há lá alguma possibilidade de se ser uma pessoa sem se amar?), o poderá dizer. Dizes comigo, dizes?

Promete que vais errar. Promete que vais cair. Promete que nunca serás o mesmo, exactamente o mesmo, de cada vez que a vida te passar à frente. Promete que vais arriscar, promete que vais sentir. Promete que vais mexer-te, todos os dias, como um louco, a caminho do que dejesas, a caminho do que desesperadamente te faz dançar, saltar, rir – ou até chorar, penar. O importante da vida, parecendo uma redundância, é estar vivo. Todos o sabem, tu também o sabes. Então por que raios ainda estás parado a ler isto? Vá: mexe-te.

Vai buscar a vida que tem de ser, os passos que tens de dar. Não te fiques com um não quando não é um não que queres ouvir. Não te submetas à impossibilidade. Toda a gente sabe que a impossibilidade é desculpa – e esfarrapada – de preguiçoso. Procura o que queres encontrar. Mas procura mesmo. Não faças de conta – como quase todos os que estão à tua volta – que procuras. Procura mesmo, esgravata – nem que doa, nem que sues, nem que sofras. Procura o que queres encontrar. Para procurar o que queres encontrar tens de pisar solo desconhecido, solo intocado, aquele solo que te arrepiava inteiro, cada veia ansiosa, cada segundo como se uma mina estivesse quase a explodir. É isso estar vivo: sentir que cada momento é decisivo, que cada instante é imprevisível. Ainda não sabias?

Só os pobres coitados que não amam não se aventuram, ficam naquele mais-ou-menos doentio, naquela rotina sem sabor, naquele vai-não-vai que não leva a lado nenhum. Só quem não ama não prova. E há poucas coisas na vida mais importantes do que provar. Estás na vida para provar. Pela primeira vez, com medo mas com ousadia. Prova. É depois de provar que se ama. E felizmente há tanto para provar. Tanto, tanto. A vida é uma prova de degustação, uma infinita paleta de sabores. Saberás mesmo qual é o teu favorito?

Só quem merece estar vivo realmente vive. Só quem não cede ao politicamente correcto, só quem não se satisfaz com algo que é – a própria palavra o indica – apenas satisfatório. O satisfatório não me satisfaz: aqui está um excelente manifesto de revolta. Rebelate contra o razoável, rebelate contra o que não é nem deixa de ser. Porque o amor é o que nos tira desse estado de quase-morte, dessa sensação de estabilidade viciante. Mas que se lixe a estabilidade, que se lixe o que não mexe contigo.

Tudo isto para te dizer que preciso da tua coragem para sustentar a minha. Promete que quando voltares a trazes.

Seis da manhã, o despertador alto e o teu roncar ao lado, apanhar a roupa do estendal, dobrá-la a correr, colocá-la na bacia, ligar o ferro de engomar, correr para a casa de banho num instante, regressar à sala, passar a tua camisa, hoje é a verde, fica-te tão bem com as calças escuras que te ofereci no Natal, dar o primeiro toque nos miúdos,

tem de ser, vá, toca a levantar,

a cozinha por arrumar desde ontem à noite, preparar já o pequeno-almoço de toda a gente, o meu é o pão com manteiga a caminho do trabalho, o teu despertador já tocou mas calaste-o e viraste-te para o outro lado, fazes bem, precisas de descansar, os miúdos também ainda não se levantaram, já passa das sete e meia e não posso deixar passar mais tempo,

só mais um bocadinho, por favor, só mais um bocadinho,

mas não pode ser, há que levantá-los à força, vestir-me também eu num instante, hoje há tanto para fazer lá no escritório, entretanto já te levantaste, tens o ar carrancudo de sempre, e eu amo-te mesmo assim,

bom dia, dormiste bem?,

nem uma resposta como sempre, faz parte de ti e de nós, não faço questão de mudar o que de alguma forma nos sustenta, os miúdos tomam o pequeno-almoço à pressa, o autocarro está quase a passar na rua, quando formos ricos vou poder levá-los à escola, dar-lhes os beijos todos que queria dar-lhes, às vezes à noite acordo para isso, para lhes dar os beijos que durante o dia não tive tempo de dar,

até logo, portem-se bem, sim?,

e no fundo o que quero dizer-lhes com isto é que me perdoem por não ser o que eles queriam que eu fosse, o que eu queria ser, raios me partam se um dia não serei capaz de tudo o que quero fazer, para já tenho de me despedir de ti,

amo-te, amo-te, amo-te,

hoje disse-to três vezes, há manhãs em que são mais de três, depende do meu grau de culpa, do meu grau de insuficiência, do espaço que me falta ocupar por dentro do que sinto,

tens a roupa passada na mesa da sala, não te esqueças,

o teu acenar silencioso basta-me, é o acenar mais apaixonado do mundo, tenho a certeza, lá fora a rua cheia, as pessoas cheias, a pressa, parece que vai chover e só agora, que já estou a entrar no metro, é que me lembrei disso e não trouxe guarda-chuva, pode ser que tenha sorte e afinal não chova,

raios,

não tive sorte, chove a rodos e vou ter de correr, são quinhentos metros da saída do metro até à porta do escritório,

raios,

chego com mais três ou quatro quilos embebidos na roupa, ainda esboço um sorriso porque sorrir faz bem, mas não tenho para quem sorrir porque ainda não chegou ninguém, dois minutos depois chega o Faria dos Recursos Humanos com aquela cara fechada de sempre,

bom dia,

e ele, claro, não responde porque nem sequer me ouve, até que finalmente toca o meu telemóvel e vejo o teu número,

amo-te,

dizes-me simplesmente, e eu sei assim, tão simplesmente, que és a melhor mulher do mundo, e que se eu não sou o marido e a pessoa mais feliz que a Terra conheceu estou lá perto, ninguém tenha dúvidas sobre isso.

Ansiedade: s.f. Atestado de vitalidade. Se nunca estiveste ansioso
nunca estiveste vivo.

O problema do mundo é o excesso de expectativas. Acreditamos que será possível o que verdadeiramente não conseguimos. E depois dói. Dói como se o mundo, ele todo, acabasse ali, sem remissão. Sem recurso. Condene-se à morte o réu. O juiz decidiu: está decidido.

Condene-se à morte o que não nos salva: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Somos, hoje, muito menos do que fomos ontem. E queremos mais, tanto mais. É essa a ironia da vida: vamos ficando mais pequenos e as nossas ambições maiores. O corpo vai cedendo e nós, por dentro, a crescer, sempre a crescer.

Que nunca dependa o Homem do corpo: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Um dia tive um corpo de seis anos e a praia era pequena, havia as gaiotas, as ondas, os gelados, a pele escura sem querer, as raquetes, a bola leve puxada pelo vento, o olhar relaxado do meu pai, a atenção feroz da minha mãe, a adolescência viva da minha irmã, e a minha vida toda pela frente, só isso, e bastava-me isso, a vida toda por experimentar.

Que haja sempre sensações por experimentar: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Um dia tive um corpo de catorze anos e a praia era um esconderijo sem igual, havia a amiga que estava sozinha de férias, os amigos que se escapavam para simplesmente sermos amigos, as rochas serviam de escudo para a adultice dos adultos, as tardes eram de mergulhos e de primeiras vezes, o beijo que não sabia dar, as mãos a tremer, as pernas a tremer, a vida toda a tremer, e a temer, só isso, e bastava isso, os dias todos por tremer.

Que nunca faltem momentos para nos fazer tremer: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Um dia tive um corpo de trinta anos e a praia era a confirmação de que era adulto, na esplanada chamavam-me senhor e eu sorria, os meus filhos corriam e eu condescendia, jogava com eles, brincava com eles, comprávamos gelados juntos e eu fazia de conta de que era criança de novo, mergulhávamos juntos e eu fazia de conta de que era criança de novo, mas não era, era um adulto que por vezes perdia a paciência, um adulto com tanta coisa na cabeça, com tantas obrigações na cabeça, e por isso sem cabeça para a praia que me confirmava que era adulto, a praia que já não era o que podia ser, e basta isso, só isso, para também eu não ser, nada disso, tudo o que podia ser.

Que seja eu sempre o que sempre fui capaz de ser: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Um dia tive o corpo de um velho e a praia era uma imensa solidão, os meus netos brincam e saltam e eu salto com eles mas o corpo não deixa, os meus filhos são adultos e têm contas para pagar e falam das contas por pagar e berram e chateiam-se, ninguém quer saber das histórias que já contei mil vezes e queria contar outra vez, ao longe o mar não acaba e parece gozar com a minha finitude, sim, sou finito, e um dia digo aos que amo que os amo e que se amem, e basta isso, só isso.

Que baste uma praia e amor: assim se iniciaria um evangelho como deve ser.

Não acreditava na importância da beleza até que a tua beleza apareceu. Mais ainda: não acreditava na existência da beleza até que a tua beleza existiu.

O mais inacreditável no que o amor nos faz é fazer-nos acreditar no que não existia. E que, bem vistas as coisas, continua a não existir – a não ser, e é isso que importa, no meio da nossa existência.

O amor é, na verdade, aquilo que só pertence à nossa existência e que por isso, só por isso, nos faz existir.

De maneira que, de um momento para o outro, existias tu. Estavas na parte detrás de um autocarro em que eu havia entrado sem querer, como muitas vezes, vezes demais, entrei em autocarros sem querer.

O mais inacreditável no que o amor nos faz é fazer-nos entrar sem querer onde desde sempre quisemos entrar.

Fiquei alguns segundos a olhar-te para te guardar (garanto-te que seria capaz de te pintar até ao milímetro se fosse pintor, ou de te desenhar até ao mais ínfimo pormenor se fosse desenhador ou lá como é que se chama a malta que desenha), pensei em três mil maneiras (contas por alto, que tenho a certeza de que pecam por defeito) de te abordar e limpei duas ou três lágrimas que, sabe-se lá como, me apareceram na pele.

O mais inacreditável no que o amor nos faz é fazer-nos chorar lágrimas que nem sabemos bem de onde é que vieram, mas que escorrem por nós como se fossem Deus (Deus pode muito bem ser o mesmo que amor, agora que penso nisso).

Inexplicavelmente ganhei coragem para me aproximar de ti no preciso instante em que ganhaste coragem para te aproximares de mim – mas apenas porque eu estava perto da porta e tu ias sair ali, logo ali, nesta paragem que não imaginava qual era mas que seria,

tinha a absoluta convicção, a paragem em que eu, desde sempre, quis parar.

O mais inacreditável no que o amor nos faz é fazer-nos ser de lugares que nunca soubemos que existiam mas que são a nossa casa desde sempre.

Segui-te alguns metros (talvez cem ou duzentos) até que paraste frente a um homem cheio de estilo, cheio de bom aspecto, cheio de tudo o que eu, era assim que o espelho falava comigo, nunca tive nem terei. Percebi num instante que o querias mais do que a mim quando o beijaste com ternura e talvez algo mais, que eu não tive coragem e virei costas e fui em frente para longe de ti.

O mais inacreditável no amor é fazer dos nossos sentidos armas de apaixonação maciça.

Estava já a mais de trezentos metros de ti, outra vez numa solitária paragem de autocarro, quando ouvi (não me perguntes como é que consegui ouvir de tão longe e com tanta gente na rua) a tua voz a dizer ao tal homem: «tinha saudades tuas, pai». Não demorei mais de cinco segundos a estar a um metro (contas por alto, mais uma vez) de ti.

O mais inacreditável no amor é precisamente o facto de ser inacreditável.

(carta a mim próprio dentro de dez anos)

Se estás a ler estas palavras: parabéns. Conseguiste superar mais uma década de vida, e se isso não é motivo mais do que suficiente para festejar mais vale desistires desde já de festejar.

Anota aí antes que me esqueça: poucas coisas na vida são mais importantes do que festejar, a não ser o amor, o que, se olhares com atenção, é exactamente a mesma coisa.

Agora que, espero eu, já festejaste, é tempo de te falar do que porventura podes ter perdido durante este tempo. É isso, na verdade, o que o tempo nos pode fazer: perder o que pensávamos possível, sobretudo sonhos.

Anota aí antes que me esqueça: poucas coisas na vida são mais importantes do que sonhar, a não ser o amor, o que, se olhares com atenção, é exactamente a mesma coisa.

À tua volta há-de haver sempre quem tenha desistido de sonhar. Há sempre, lamentavelmente, quem tenha desistido de sonhar. Há duas decisões, urgentes, que tens de tomar: antes de mais nada, não queiras viver os sonhos dos outros (viver os sonhos dos outros não é altruísmo: é estupidez; nunca nenhum estúpido realizou os seus sonhos, o que prova de forma clara que é de facto um estúpido: não conheço nada mais estúpido do que não realizar um sonho, tu conheces?); e depois, não menos importante, não te deixes rodear por realistas (os realistas são criaturas tóxicas, que se gabam de só olhar para a realidade, e que por isso só vivem a realidade, e que por isso são as criaturas mais infelizes do mundo, pois o que realmente interessa é o que não existe mas que tu, porque acreditas que pode existir, vais fazer existir; só quem

olha para algo que não a realidade a pode alterar; nunca nenhum realista mudou o mundo; os realistas que se vão encher de moscas, pois então).

Anota aí antes que me esqueça: poucas coisas na vida são mais importantes do que acreditar na existência real do que não existe, a não ser o amor, o que, se olhares com atenção, é exactamente a mesma coisa.

Eu sei que, nestes dez anos, já sofreste muito; sei que certamente terás perdido muito: objectivos, guerras, jogos, apostas, momentos que julgavas felizes – e sobretudo pessoas, e sobretudo esperança. Perder pessoas é perder partes de nós, também o sei. Mas sei – tu não o saberás porque estás dorido (é isso o que o tempo nos faz quando não olhamos de fora para a sua passagem: deixa-nos doridos, e a dor impede-nos de tanta coisa, até de ver) – que nenhuma perda te pode fazer deixar de esbracejar. Esbracejar com tudo o que és, por mais que custe, por mais que magoe, por mais que pareça impossível esbracejar. Esbracejar, esbracejar sem parar. Para que nenhuma dor se sinta confortável, para que nenhuma desistência pare em ti. Esbracejar. Até porque é assim – a esbracejar – que se começa a voar. Experimenta lá, vá.

Anota aí antes que me esqueça: poucas coisas na vida são mais importantes do que voar, a não ser o amor, o que, se olhares com atenção, é exactamente a mesma coisa.

A propósito: quantas vezes já voaste hoje?

- Nunca mais cá ponho os pés.
- Porquê, filha?
- Porque as pessoas daqui dão-me muitos beijos.

Luísa é assim: meia dúzia de anos de personalidade e de mau feitio. Para alguém assim, só interessa o que realmente interessa, sem paninhos quentes ou mornos – nem sequer frios. A vida acontece quase sempre quando recusamos os paninhos quentes ou mornos ou mesmo frios. A vida acontece quando nós queremos. E Luísa, meia dúzia de anos de gente, não deixa que a vida aconteça; exige que a vida aconteça.

- Queres mais bolachas?
- Ainda não acabei as que me deste.
- E voltas amanhã?
- Não. Só quando acabarem as bolachas.

Luísa é assim: meia dúzia de anos de desengano e de eficiência. Para alguém assim, só vale a pena regressar ao lugar onde nos dão bolachas quando as bolachas que temos acabarem. Pode parecer frieza, desprezo, desumanidade; mas não é: é felicidade. A felicidade acontece quando percebemos que só precisamos de mais bolachas quando as bolachas que temos acabarem. E Luísa, meia dúzia de anos de gente, não deixa que a felicidade aconteça; exige que a felicidade aconteça.

- Se deixares de usar a chupeta ofereço-te uma coisa.
- Qual coisa?
- Tu escolhes.

– Está bem. Vou pensar nisso.

Luísa é assim: meia dúzia de anos de excesso e de contenção. Para alguém assim, só interessa fazer se fazer compensar. O erro de muitos que não são assim é querer fazer por fazer, agir por agir, tentar por tentar, querer por querer. Pior: cobiçar por cobiçar ou porque outros o cobiçam. Que estupidez. Para executar é, por vezes, necessário pensar com paciência antes, sem precipitações, sem temeridades. Sem criancices, corrigiria de forma célere Luísa, com a sua maturidade prática: a sua maturidade sonhadora. As melhores decisões são as que tomamos assim: debaixo de uma maturidade sonhadora, uma maturidade que não deixa de ser maturidade nem deixa de saber voar. Pode parecer impossível, impraticável, ilusão; mas não é: é magia. A magia acontece quando percebemos que a magia não existe, e que mesmo assim é a coisa mais importante da vida. E Luísa, meia dúzia de anos de gente, não deixa que a magia aconteça; exige que a magia aconteça.

– Queres o croissant de chocolate?

– Não.

– Queres vir comigo ao parque?

– Não.

– Queres ver os desenhos animados?

– Não.

Luísa é assim: meia dúzia de anos de lição e de simpatia. Para alguém assim, as palavras são todas iguais, sejam mais ou menos apreciadas, sejam mais ou menos suportáveis ou insuportáveis. A simpatia é a verdade. Se não quer o que lhe dizem para querer, recusa. Nem sequer entende porque haveria de aceitar ou fazer de conta que aceita se na verdade não quer aceitar. Se não quer: diz que não quer. Há lições que são complicadas apenas por adultice, a doença que faz com que os adultos sejam capazes de tudo menos de criancices. E Luísa, meia dúzia de anos de gente, não deixa que os seus desejos aconteçam; exige que os seus desejos aconteçam.

– O que queres ser quando fores grande?

– Eu.

Luísa é assim. Quando for grande quero ser assim também.